

POR QUE LER LITERATURA DE FANTASIA?

WHY READ FANTASY LITERATURE?

Roberto Nunes Bittencourt¹

Recebido em 12/04/2023

Aprovado em 17/06/2023

RESUMO

Em um de seus textos ensaísticos mais sofisticados, o escritor italiano Ítalo Calvino (1993) investiga com muito humor e perspicácia por que ler os clássicos. É de se pensar que ninguém faria uma contestação diante da assertiva de que temos sempre algo de proveitoso nesse tipo de leitura. No entanto, muitas pessoas, por motivos diversos, são muito avessas a ideia de ler tais obras. Algumas as julgam monótonas e chatas; outras, fastidiosas e de uma erudição nauseante. Por isso, Calvino tenta apresentar para os leitores um quadro mais atraente em torno desses livros que são encarados com tamanha esquivança por parte de algumas pessoas. Neste texto, nos propomos a seguir um percurso muito homólogo com a literatura de fantasia. Esse tipo de texto sequer é considerado por algumas pessoas com a mesma qualidade artística e técnica de outras obras, sobretudo aquelas que se inscrevem no que se convencionou denominar de realismo ou naturalismo. Sobre a literatura de fantasia, já afirmaram que não passa de coisa de criança, que não se aplica a um público jovem ou até mesmo adulto. Que esse tipo de livro não traz também nenhuma espécie de benefício para os seus leitores, tudo que eles permitem é uma fuga da realidade, uma espécie de isolamento estético produzido pelo texto, que promove uma densa alienação uma vez que essas tramas e enredos são dotados de elementos muito adversos à vida real. Diante de tais críticas, muitas pessoas se sentem até mesmo intimidadas ao se proporem a ler uma obra de fantasia. Desse modo, sugerimos uma definição pragmática da literatura de fantasia e seus limites com outros gêneros adjacentes. Em seguida, examinaremos melhor os motivos pelos quais qualquer pessoa deve se dedicar a leitura de uma obra de fantasia e, também, em que esses textos podem nos ajudar.

Palavras-chave: Literatura; Fantasia; Leitura; Crítica Literária; Ficção.

ABSTRACT

In one of his most sophisticated essays, the Italian writer Italo Calvino investigates with a lot of humor and insight why to read the classics. It is to be thought that no one would contest the assertion that there is always something useful in this type of reading. However, many people, for various reasons, are very averse to the idea of reading such works. Some judge them monotonous and boring; others, tedious and nauseating erudition. For this reason, Calvino tries to present readers with a more attractive picture around these books, which are viewed with such avoidance by some people. In this text, we propose to follow a path that is very similar to fantasy literature. This type of text is not even considered by some people to have the same artistic and technical quality as other works, especially those that are part of what is conventionally called realism or naturalism. About fantasy literature, they

¹ Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ). Endereço eletrônico: robertonbitt@gmail.com

have already stated that it is nothing more than a child's thing, that it does not apply to a young or even adult audience. This type of book also does not bring any kind of benefit to its readers, all it allows is an escape from reality, a kind of aesthetic isolation produced by the text, which promotes a dense alienation since these plots and plots are endowed with elements that are very adverse to real life. Faced with such criticism, many people even feel intimidated when proposing to read a fantasy work. Thus, we suggest a pragmatic definition of fantasy literature and its limits with other adjacent genres. Then, we will take a closer look at the reasons why anyone should dedicate themselves to reading a work of fantasy, and also how these texts can help us.

Keywords: Literature; Fantasy; Reading; Literary criticism; Fiction.

Todos nós sabemos que as crianças sempre dão muitas asas à imaginação. É por isso, talvez que, quando pensamos em fantasia, logo o que vem à nossa mente é o universo infantil. Pensamos em um punhado de elementos que estão diretamente associados ao divertido, risonho e ingênuo mundo das crianças. Nesse mesmo contexto, personagens e figuras fantasiosas logo se destacam. Por isso, somos conduzidos a um passeio pelo universo das bruxas, fadas, duendes, unicórnios e tantos outros personagens fantásticos e seres imaginários que povoam esse verdadeiro país das maravilhas.

Muitas obras da literatura trazem elementos de fantasia: tantas que não podemos listar todas de uma vez sem nos perdermos em uma infindável enumeração. Mesmo que haja um preconceito muitas vezes injustificado, a literatura de fantasia está entre todos os públicos, em todas as faixas etárias. É claro que o mais comum é vermos crianças fazendo alusão a esse gênero e, de fato, alguns livros foram pensados especificamente para elas. Em uma pesquisa rápida, podemos listar dois livros com elementos de fantasia que foram escritos para o público infantil, *Alice no País das Maravilhas* e *O Hobbit*, cujos autores estavam preocupados com a tenra idade e talvez sequer imaginassem que suas obras seriam tão consumidas por adultos posteriormente.

A própria literatura, independente do gênero, tem um recurso que nós chamamos de suspensão da realidade. Isso acontece para que o autor possa construir leis próprias que funcionam apenas em seu universo criado, fazendo com que sua trama seja coerente dentro daqueles paradigmas que foram estabelecidos por ele ao pensar em toda a narrativa, mesmo antes de escrever cada capítulo de sua obra. Quando isso acontece, muitos elementos do mundo real podem não aparecer da mesma forma que os conhecemos, há uma espécie de fuga do real, um distanciamento, um isolamento dos componentes da obra para que todo enredo possa se

desenvolver de maneira adequada, cativando o leitor, conquistando sua atenção e depois a sua devoção.

Em um texto de fantasia, acontece o mesmo: essa suspensão da realidade está, apenas, em um outro estágio, já que temos muitos elementos antagônicos ao universo que nós vivenciamos em nosso cotidiano. É claro que você não encontra um detetive com memória eidética vagando pelos departamentos de polícia, mas para o leitor é muito mais fácil acreditar que isso possa ser de fato real do que um bruxo singrando os céus com uma vassoura para pegar uma bola em um jogo com a mesma popularidade que o futebol.

Quando pensamos, por sua vez, em literatura de fantasia, ao lado dessa associação a todo um universo que inclui obras que foram pensadas para crianças, surge também um conjunto de obras que se popularizou muito. Já mencionamos aqui tanto *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, quanto *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien. Este último, na verdade, escreveu toda uma saga de literatura de fantasia que está muito presente no imaginário de leitores e das pessoas de uma maneira mais global, uma vez que seus textos principais já foram adaptados para outras mídias, com uma ampla veiculação de informações pertinentes a seus personagens e criaturas fantásticas. Livros como *O Silmarilion* e *O Senhor dos Anéis* são amplamente conhecidos, sem mencionar diversos outros que estão entre as obras lidas e discutidas de Tolkien entre um público mais seletivo que é adepto desse tipo de texto. No entanto, obras como essas não resumem o que de fato pode ser encarado como o gênero de fantasia, assim como a literatura policial não se restringe a autores como Conan Doyle e Agatha Christie. Muitos outros trabalhos podem ser considerados pertencentes ao gênero, sendo que alguns deles são legítimos clássicos que foram esquecidos pelos leitores ao longo das décadas.

Um outro ponto curioso sobre a literatura de fantasia é que ela pode ser facilmente confundida com outros gêneros adjacentes, que também trazem elementos sobrecomuns ao trivial, que nós experimentamos em nosso cotidiano. Temos uma linha bem tênue entre os termos fantasia, fantástica e mágica. Muitas obras foram escritas com elementos fantásticos, mas não é ainda uma literatura de fantasia. De forma homóloga, temos ambientes repletos de magia, mas que fazem parte de um realismo mágico, *ipsis litteris*, e não de um universo de fantasia, como o dos livros *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Dragões de Éter* e *Crepúsculo*.

Apenas essas considerações iniciais podem nos levar a algumas indagações extremamente pertinentes para o que pretendemos discutir

aqui. Nesse caso, não seria tão simples assim definir o que é literatura de fantasia e, obviamente, nem tudo se encaixa nesse gênero, por mais que apresente alguns elementos que possam, a princípio, parecer pertencentes a ele. Um exemplo muito fácil disso é o livro *Os Filhos da Meia-Noite*, de Salman Rushdie, que tem criaturas fantásticas, como a suposta bruxa Parvati, e o próprio narrador da trama, que tem a incrível habilidade de ler mentes. No entanto, Salim Sinai não é um personagem de uma obra de ficção científica e fantasia, mas está dentro de uma trama de realismo mágico. Como eu disse anteriormente, a linha que divide tais gêneros é muito sutil, o que nos exige de imediato uma definição exata do que seria a literatura de fantasia.

A literatura de fantasia pode ser definida como aquela em que há a presença inconfundível de construtos próprios da fantasia, sendo em menor extensão, de forma dispersa e quase alusiva, ou em larga escala, se tornando praticamente toda a tessitura da obra. Esses construtos particulares da fantasia incluem seres e criaturas sobrenaturais, das mais diversas mitologias e associados a universos atípicos à realidade concreta que nós experimentamos e que não estejam, por sua vez, vinculados a uma explicação científica. Essa, na verdade, é uma distinção necessária para não confundir um ente que é o resultado de uma mutação genética de um que emerge através de forças que não se ligam ao mundo tangível, ou seja, que estejam dentro de uma realidade física.

A literatura de fantasia, sendo assim, tem seus pés fincados dentro da metafísica, uma vez que seus seres pertencem ao campo do imaginário, do diáfano, do abstrato. Sua segregação do mágico e do fantástico está entre a presença de certos elementos. No mágico, temos algo que se embrenha pelo mundo sobrenatural, mas ainda assim as pessoas não se assustam com aquele fenômeno que, para o leitor, é insólito. No fantástico, a chave de leitura está dentro da fantasia, mas seus elementos mais elaborados não se fazem presente.

Em um primeiro momento, é preciso pensar na dicotomia ficção científica e fantasia, uma vez que já aqui pode haver uma nítida confusão entre o que é ficção inspirada em preceitos científicos e o que nesse conjunto se embrenha pelo âmbito da fantasia. Na explicação acima, já temos uma clara distinção: a ficção científica apresenta personagens e criaturas que são fabulosas, incríveis e inacreditáveis, portanto, fantásticas para todos nós. No entanto, ela fala sobre sua gênese dentro de uma chave puramente racional e lógica. Uma obra que, por muito tempo, ficou nessa zona limítrofe foi *Frankenstein*, de Mary Shelley. A criatura criada por Victor

Frankenstein é, ao mesmo tempo, fabulosa, beirando o sobrenatural, e puramente associada ao saber científico: tanto que o texto de Shelley já foi apontado como sendo de fantasia, para alguns estudiosos, e, também, o primeiro do gênero de ficção científica. O que, por sua vez, pode complicar ainda mais uma definição clara disso é uma das Leis de Clarke, em que ele diz que toda tecnologia suficientemente avançada se confunde com magia (REID, 1997, p. 40). É um conceito que pode anuviar muito a separação entre ficção científica e fantasia tanto para leitores quanto para teóricos.

No entanto, um elemento de uma obra de fantasia, fantástica ou mágica, dentro dessa separação em gêneros diversos que estamos tratando aqui, pode também pertencer a um outro universo. Nesse caso, o que pode nos ajudar a classificar o texto é justamente seu conteúdo semântico: a forma como a trama foi construída pelo autor. Sendo assim, não basta dizer que um livro que tem vampiros ou lobisomens se trata de uma obra de literatura de fantasia, de literatura fantástica. Isso pode não ser verdade quando paramos para nos aprofundar na obra em si e desvendar sua trama. O que pode acontecer, na verdade, é o mesmo que acontece com o livro de Mary Shelley: a criatura criada por Victor Frankenstein é assustadora, parece sobrenatural, mas o seu processo de criação envolve apenas o uso de tecnologia, uma que está muito além de seu tempo e se confunde com magia. De modo muito homólogo, hoje temos tramas que possuem vampiros, mas eles não são uma reprodução fiel do que vemos no livro de Bram Stoker: não se trata de uma criatura demoníaca; na verdade, esses vampiros são o resultado de um vírus que contaminou um grande número de pessoas e a infecção tornou-as sedentas por sangue e vulneráveis aos raios ultravioletas. O mesmo pode acontecer com zumbis, lobisomens e até mesmo bruxas, que podem dispor de ferramentas e instrumentos de uma civilização muito mais avançada no tempo e no espaço, se tornando um ser com a capacidade de lidar com forças sobrenaturais para outros olhares.

Nesses enviesamentos, temos uma linha que perpassa todos os trabalhos, o que foge ao real que nós experienciamos e que está ligado exclusivamente ao processo imaginativo. Temos, dentro da literatura de fantasia, um suposto subgênero que é a alta fantasia, o que seria uma literatura com todos os predicados da fantasia clássica exacerbados. Claro que não discordamos desses autores que tentam fazer essas categorizações, embora julguemos elas um tanto infrutíferas, uma vez que só demarcam um território já conhecido e explorado, tanto pelos críticos quanto pelos leitores.

No entanto, tudo isso nos ajuda a tornar nossa definição ainda mais precisa em uma abordagem essencialmente didática e teórica. A literatura de fantasia, em suma, está associada à presença de fatores que assinalam o aspecto improvável da obra em um realismo seco e fora do âmbito da elucidação científica. Além disso, a presença de elementos, seres e criaturas sobrenaturais também precisam se distanciar do âmbito da ciência: esses construtos precisam estar ligados diretamente ao inefável, ao abstrato, ao sobrenatural. Quando falamos em sobrenatural, por sua vez, não estamos fazendo qualquer associação a uma religião ou pensamento teológico, mas ao campo do que foge do natural, do que está dado como plausível e concreto em nosso mundo cotidiano.

A literatura de fantasia está presente entre os povos desde muito tempo, a ponto de alguns pesquisadores falarem de sua presença na França desde o século XVIII (TODOROV, 1981). Nosso objetivo aqui não é fazer uma sondagem quanto à sua gênese, mas é importante destacar que ela não é um fenômeno típico do século XX e XXI. Em um ensaio que escreveu sobre a literatura de ficção científica e fantasia, o autor americano Ray Bradbury (2020) faz um importante apontamento, esse tipo de literatura sempre foi rechaçado, jogado para longe das bibliotecas, das escolas e dos círculos acadêmicos.

Existe, se pararmos para pensar, até hoje um grande preconceito por esse tipo de escrita. Se você pegar a lista dos vencedores do maior prêmio da literatura mundial, não encontrará um único autor que escrevia fantasia, embora tenhamos tantos nomes importantes, que revolucionaram o gênero e a literatura em sentido global. Só para mencionar o que talvez seja o mais popular, embora de forma alguma estejamos afirmando aqui que é o mais importante, Tolkien escreveu livros que foram marcantes para esses leitores e que trazem metáforas poderosas da realidade que nós vivenciamos. Em seus textos, ele chegou a criar uma língua que não existia para tornar sua trama ainda mais verossímil. Por conter elementos de fantasia em alta densidade, seu nome, embora presente no meio acadêmico como filólogo, não está entre os vencedores do Nobel de Literatura.

Se você conversar com qualquer pessoa sobre esse tipo de literatura, talvez duas coisas que ouça sejam: (1) se trata de um gênero para crianças; (2) é preferível que você dedique seu tempo de leitura para outros gêneros. Primeiro porque os temas que aparecem nessas obras e os personagens, cenários e criaturas parecem se coadunar muito bem com o universo infantil. Sendo assim, não se trata de um texto que possa envolver tanto um adolescente ou até mesmo um adulto, uma vez que há uma

suposta incompatibilidade temática, levando a um desprazer ou perda de tempo caso você insista em seguir nessa fruição. Por outro lado, a literatura de fantasia é uma rude oposição ao verdadeiro sentido da literatura: ela não parte de uma representação do mundo que vivemos, são obras que nada têm a nos ensinar ou que possa fazer por seus leitores. A sua leitura é uma espécie de mergulho em um abismo totalmente vazio, não pode haver nesses textos qualquer traço de verossimilhança. Como poderíamos conciliar a figura de uma fada com qualquer pessoa do mundo real e com seus dilemas, anseios, temores e paixões? As figuras dessas obras não chegam a ser sequer simulacros do que nós encontramos em nossas vidas. Logo, é uma verdadeira perda de tempo se dedicar a uma leitura que é, em essência, opioide.

É importante que trabalhem com uma direção que fique claro o que pensamos sobre a leitura de um modo global, e que o texto de fantasia não é uma exclusividade, compartilhando de uma associação com os demais gêneros, até aqueles que são o mais puro e louvado realismo, por mais que hoje o realismo mágico ou realismo fantástico tenham conquistado tantos leitores e até mesmo a simpatia da crítica literária, o que não significa que sempre terá esse espaço respeitado e assegurado. Mesmo assim, um autor que escrevia nitidamente dentro dessa padronização foi laureado com o Nobel de Literatura, para demonstrar que certa dose de fantasia não faz mal a ninguém. Em sua obra *Cem anos de solidão*, Gabriel García Márquez não hesita em dispersar por sua trama uma série de elementos fantásticos que nos deixam perplexos diante da trama ousada dos Buendía. A literatura de fantasia não é apenas mais um gênero, elas também podem contribuir para formação do leitor. Seus personagens não são simulacros malfeitos do que vivenciamos, eles são personas que podem ser comparadas a pessoas reais, com sentimentos e todo um universo anímico que encontra ressonância em nós mesmos.

Há um livro que se encontra em uma zona limítrofe, como já abordamos aqui, entre ficção científica e fantasia que é um exemplo muito claro do que acabamos de dizer: se trata de *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. É preciso dizer que esse não é o título original da obra, mesmo traduzido. O livro teve seu título remodelado ao longo dos anos, para se adequar ainda mais à sua trama e talvez se tornar muito mais comercial, suspeitamos. Nesse texto, o autor cria um personagem que é ambíguo em todos os sentidos: é um médico que toma algumas poções e se torna um verdadeiro monstro, assinalado pela personalidade medonha, mas também pela aparência assustadora, muito distinta da do cientista tão

cordial que seus amigos conheciam. A obra de Stevenson é um clássico que nos trouxe de forma ímpar um estudo literário sobre o transtorno dissociativo de identidade. Se esquadrinharmos pela literatura de fantasia, encontraremos uma infinidade de personagens que são muito similares ao Dr. Jekyll, não que tenham mais de uma personalidade, mas que tenham traços irrefutáveis de pessoas triviais, e algumas nem tanto. Pensar que esses textos não conseguem criar figuras que sejam tão representativas da humanidade chega até ser uma grotesca ingenuidade.

Perscrutando sobre a literatura de fantasia, identificamos alguns motivos para se ler tais textos. A partir de agora, vamos nos debruçar sobre eles separadamente. Então, vamos começar com o primeiro: a literatura de fantasia ajuda a desenvolver a imaginação. Não creio que seja preciso fazer uma apologia da imaginação neste ensaio, uma vez que seria unânime dizer que ela é indispensável à cultura. Em hipótese alguma chegaríamos a uma civilização como a que temos hoje sem o primado da imaginação sobre a técnica, a tecnologia e a arte e cultura de forma indistinta. Desde crianças, somos instigados pelo sistema educacional a sermos mais criativos, mais imaginativos. As invenções, os avanços técnico-científicos, o progresso cultural e social, tudo isso acontece quando as pessoas usufruem de uma frutífera imaginação, que lhes permite criar, desenvolver, inovar, avançar em direções impensadas pelos seus pares antes. Os textos de fantasia são um repositório interminável de uma imaginação sobrecomum de seus autores. É claro que quando falamos de escrita criativa, é impossível deixar de lado a imaginação. Como nascem os personagens e cenários que habitam livros de todos os gêneros? Tudo isso se dá por meio de uma fértil imaginação dos escritores tanto de literatura policial quanto a que se convencionou chamar de ultrarrealismo.

No entanto, mesmo havendo uma imaginação por trás desses outros gêneros, quando falamos das obras de fantasia ela notavelmente se exacerba. Se pegarmos o referido livro do Stevenson, percebemos que há um intrincado processo criativo para a composição do personagem Jekyll e seu *alter ego* Hyde. Nesse caso, estamos nos referindo a um livro que ainda reside em uma linha tênue entre um gênero e outro. E se observarmos livros que se enquadram como alta fantasia, uma subespécie que denota ainda mais a presença de elementos fantásticos. No livro *As Crônicas de Nárnia*, C. S. Lewis, explora uma infinidade de temas e aspectos que são muito insólitos: na trama, aparecem desde bruxas até uma figura animalesca senciente e com conotações divinas. Obras desse tipo exploram sobremaneira o processo criativo do sujeito, estimulando a sua imaginação.

Diante de cenários tão vastos e de personagens que são ao mesmo tempo alusivos ao mundo em que vivemos e que apresentam predicados tão incomuns, os leitores de literatura de fantasia têm sua imaginação instigada em um patamar inimaginável.

É consenso entre os estudiosos da mente que diante de estímulos externos nós somos levados a desenvolver alguma habilidade latente ou um conjunto delas, pela forma como nos articulamos e como esses fatores exercitam certo potencial. Temos todos um enorme potencial para a imaginação, para a criação, para a inventividade. Então, diante de textos de fantasia, somos levados a trabalhar nossa mente em sentidos múltiplos, também nos permitindo levar a cabo nossa inclinação ao inovador, ao imaginativo, ao insólito. Somos influenciados por essas tramas, deixamos que elas aticem nossa mente em direções inesperadas. A literatura de fantasia tem se comprovado tão prolífica nesse sentido que foi inclusive associada ao gênero de ficção científica, criando uma espécie de gênero híbrido, que tem resultado em obras fabulosas, com cenários cativantes e personagens extraordinários. Notamos também sua capacidade de instigar quando descobrimos que autores novos de fantasia leram com muito afincamento o que seriam os clássicos do gênero, evidenciando que essas leituras permitiram a cada um deles ir além em sua própria criação.

A literatura de fantasia permite a compreensão de questões humanas universais, se tornando, ao lado de outros gêneros, um laboratório de análise da própria condição humana, mesmo que seus personagens sejam faunos e leões que se comportam como uma divindade. Essa pode parecer uma questão controversa, uma vez que existe a falácia de que o gênero é apenas para crianças. Mas isso é uma inverdade, é óbvio. Tanto temos clássicos de fantasia apenas para adultos quanto temos obras que mesmo podendo ser inseridas entre as indicações para crianças, também se aplicam ao universo adultos sem qualquer prejuízo. Um exemplo clássico disso é a já mencionada obra de Lewis, *As Crônicas de Nárnia*. Esse mesmo texto já nos traz uma indicação clara de que a narrativa de fantasia explicita sentimentos, afetos e dilemas que permeiam o sujeito em diferentes fases da vida, levando também a compreensão de atitudes e comportamentos. Uma problemática ética atravessa toda a trama de Lewis, mesmo seus personagens incluindo Aslan, um leão falante, e uma bruxa, além de tantos outros ainda mais insólitos.

Mesmo que o texto de fantasia tenha sido escrito para levar a um passeio por outros mundos, ele foi composto por tipos humanos muito demarcados. É como se estivéssemos estudando mitologia grega: os

deuses gregos tinham poderes inacreditáveis, como Zeus, que controlava os raios e tinha presença marcante no Olimpo, a morada dos seres divinos do panteão grego. Ainda assim, Zeus se apaixonava, ficava irado, se arrependia, era vingativo, traiçoeiro. Os mitos gregos estão repletos de tramas que evidenciam essas características desse deus que é, desse modo, um típico camarada que nós poderíamos encontrar na rua indo para o trabalho. Nós chamamos deuses com tais características de antropomórficos, porque eles se assemelham a nós, seres humanos. O mesmo se aplica aqui aos personagens das obras de fantasia: são leões antropomórficos, como o Aslan. Esses ogros, bruxos, duendes, animais falantes, todos eles não são figuras desprovidas de humanidade. Portanto, sua trajetória também traz dilemas e inquietações que ecoam em cada um de nós, permitem que compreendamos algo que é pertinente ao próprio sentido de ser humano.

Um exemplo talvez dos mais emblemáticos em se tratando da abordagem de temas e questões universais em obras de fantasia, mesmo com um personagem que aparentemente não tem nada de humano, é a subtrama que envolve o elfo doméstico Dobby, na série de livros Harry Potter, de J. K. Rowling. O personagem aparece no enredo principal, mas se extrairmos suas participações na trama, podemos encarar sua trajetória como um subenredo. Dobby é um elfo doméstico da família Malfoy: isso significa que ele está preso àquela família para realizar tarefas diversas, sem poder se rebelar contra seus senhores. Notamos aqui uma clara equivalência à servidão que prevaleceu na Europa feudal. Ao mesmo tempo, ao observarmos como o personagem é tratado, sua condição é muito similar a de um escravo, sobretudo no que concerne à forma como seu senhor o encara. Dobby é um elfo antropomórfico: vivencia, na trama, e sente o mesmo que as vítimas da servidão e escravidão sentiram e vivenciaram.

A literatura de fantasia estimula o pensamento crítico e a reflexão, mesmo através de seu texto que é essencialmente literário. Talvez possa parecer estranho que a literatura, de modo genérico, seja capaz de estimular qualquer reflexão, mesmo a mais suave, e ainda mais o pensamento crítico, uma vez que ela não foi escrita pensando nesse aspecto específico. Essas duas características parecem ser muito uma exclusividade do texto ensaístico, mais precisamente o de natureza filosófica. No entanto, não é exatamente assim que funciona. Muitos filósofos escreveram obras que não eram em si filosóficas, mas tematizaram grandes temas mesmo dentro da área em que eles atuavam. Seus trabalhos

literários serviram para uma introdução de alguma questão filosófica mais profunda, que foi discutida através de personagens específicos em situações cotidianas ou não. Já mencionamos aqui C. S. Lewis. *As Crônicas de Nárnia* trabalha de forma quase explícita uma série de indagações de cunho ético. Esse parece ser o grande tema da obra de Lewis, que foi apresentado por personagens fantásticos em um mundo de fantasia.

Quando uma obra de fantasia trata de temas diretamente ligados à filosofia, seu autor pode empregar diversas abordagens, desde uma mais alusiva com apenas alguns aspectos de maneira dispersa até um tratamento bem incisivo com uma inserção explícita no texto, seja em um personagem ou dentro de um contexto narrativo, uma série de episódios ou uma subtrama que mais se assemelha a uma alegoria da caverna de Platão. Tanto Albert Camus quanto Jean Paul Sartre fizeram isso em seus textos, que não eram de fantasia, é preciso mencionar, mas são um exemplo claro do que se pode fazer com uma filosofia densa mesmo em uma obra literária, que primordialmente não é escrita pensando nisso. Por outro lado, temos um exemplo muito claro de texto de natureza histórico-filosófica que está abarrotado de fantasia, sobretudo em seu desfecho. O livro *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, que nos é apresentado com uma trama que acompanha a história da filosofia. A obra é de fantasia, isso é indiscutível quando ela se conclui, embora no início possa parecer dentro do mais cristalino realismo. Nele, encontramos toda a trajetória da filosofia, mas não apenas isso: o trabalho suscita ainda diversos outros debates de cunho filosófico.

A reflexão na literatura de fantasia pode ser desperta tanto em sua trama em si quanto em algum personagem. Essas obras funcionam em muitas ocasiões como legítimas metáforas, mas também podem se nos apresentar como metonímias, com suas personificações, com seus símiles e diversos outros recursos estilísticos comuns à literatura. Novamente, o fato de ser uma narrativa com personagens e cenários incomuns, sobrenaturais e imaginários não interfere de forma alguma na construção de uma mensagem nítida para os leitores. Por vezes, quando comunicam algo, esses livros despertam o interesse por uma temática muito específica, como o papel da mulher na sociedade ao ler *Harry Potter* e ver como se desenvolve a personagem Hermione Granger ou até mesmo os limites e perigos do desejo e da cobiça ao ler a saga *O Senhor dos Anéis*, do Tolkien. Os temas e as indagações, os questionamentos e as inquietações que permeiam nossa sociedade podem estar nessas obras de maneira alusiva e metafórica. Essa forma implícita de suscitar uma reflexão e estimular o

pensamento crítico é ainda mais sofisticada do que um escrito que faz isso de maneira direta, uma vez que na literatura de fantasia, que segue esse padrão, temos que levar a cabo o nosso papel de leitor crítico, capaz de interpretar e fazer inferências a partir do lemos.

Mesmo diante desse conjunto que visava unicamente explicitar por que ler literatura de fantasia, alguns contra-argumentos podem surgir, embora sejam bem irracionais diante da exposição que fizemos acima. Ainda assim, é possível fazer uma refutação com ideias inéditas às que apresentamos até agora. Para fazermos isso, analisaremos dois deles. O primeiro diz que literatura de fantasia é apenas para crianças, ou seja, ela não tem como ser incorporada às experiências e vivências de um adulto ou até mesmo jovem, em alguns casos. O segundo postula que a literatura de fantasia não possui nenhuma aplicação prática na vida real, em outras palavras, do ponto de vista utilitário ela se trata de uma grande perda de tempo e energia. Soa até estranho quando vemos esses tipos de argumentação, uma vez que parecem se associar não apenas a literatura de fantasia, sobretudo no caso do segundo deles, uma vez que a ficção por si só pode apresentar essa mesma falácia. No entanto, é preciso que nos detenhamos apenas no nosso âmbito e seria muito contraproducente estendermos a análise para outros gêneros.

A literatura de fantasia pode trazer inúmeros elementos que pertencem ou fazem parecer que engloba unicamente a infância. Alguns livros de fantasia, inclusive, foram escritos pensando precisamente no público infantil ou juvenil, quando não ambos ao mesmo tempo. No entanto, isso de forma alguma quer dizer que esse tipo de texto precise se restringir apenas a esse que seria seu público-alvo. É muito difícil, na verdade, falar em um público-alvo predeterminado para textos ficcionais, uma vez que, como já afirmamos aqui, eles compartilham experiências e aspectos que englobam a condição humana de forma muito ampla, incluindo as suas diferentes faixas etárias. Mesmo que uma série como *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *As Crônicas de Nárnia* tenham sido primariamente escritas pensando-se em um público infanto-juvenil, muitos personagens são adultos e trazem dilemas e vicissitudes que pertencem a esse universo, criando, desse modo, uma ressonância em leitores que estão dentro dessa fase do ciclo vital.

Logo, há sempre um punhado de coisas nesses livros que podem estar remetendo ao campo de crianças, jovens e adultos, tanto em um único livro quanto em diversos que possam compor uma mesma série, como as citadas. Ainda que não seja assim, alguns livros são escritos para públicos

específicos e permanecer neles, mas ainda ser do gênero de fantasia, como é o caso da obra *As Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin, que se trata de uma ambientação medieval de fantasia para um público adulto apenas, com todas as temáticas que seria possível incluir para leitores nessa faixa-etária.

Seguindo pelo mesmo atalho, podemos afirmar que a literatura de fantasia pode ensinar valores importantes e lições aplicáveis à vida real: isso é verificado em todos os livros que mencionamos neste ensaio. Todas essas obras, de forma indistinta, trazem lições importantes sobre nossas vivências e a vida em sociedade. Isso acontece pelo simples fato de elas terem sido escritas em determinado contexto histórico e trazerem parte do eu de seus autores consigo, algo que é brevemente sugerido por Hegel (2014). Não se pode, dito de outro modo, desvincular uma obra literária, que é artística, de sua temporalidade e muito menos da psicologia que envolve quem a produziu. Esses escritores tinham pensamentos, emoções, afetos e preocupações sociais e políticas inclusive, tudo isso é refletido naquilo que escreveram. Sendo assim, nós encontramos em textos como *Dragões de Éter* e séries como *Filhos do Éden* uma parte importante do ideário de seus autores e, portanto, lições aprendidas e a serem ensinadas das quais podemos nos valer.

No que concerne aos valores isso é ainda mais taxativo uma vez que esses textos sempre tentam trazer valores éticos e morais, a semelhança dos contos de fadas e das fábulas, que sempre tinham um ensino nítido ou em forma de um subtexto a ser interpretado pelo leitor. Já falamos sucintamente do livro de C. S. Lewis, que parece ser o mais marcante nesse aspecto em especial. Por ser um filósofo, ele, de fato, tentou imprimir em seu texto muitos ensinamentos filosóficos, trazendo uma enorme carga ética e moral para o seu texto. Mas mesmo livros que não tenham aparentemente se preocupado com tais questões se revelam também portadores desses elementos. Além disso, como uma presença ubíqua nessas obras está a maior de todas as lições e alguns valores que são essenciais, disseminados em todos os textos de forma irrevogável, a exemplo do poder curativo do amor, a força indestrutível da amizade e a nobreza da veracidade em detrimento da nocividade da mentira e do engano. Em quase todos esses livros amizade, lealdade, amor, irmandade, justiça e esperança aparecem como importantes elementos que asseguram a coesão da sociedade, de tudo que nos torna humanos.

Em linhas gerais, a literatura de fantasia pode ser definida como aquela que engloba elementos que a distingue de outros gêneros mais

demarcados. Dispor de um elemento fantástico ou sobrenatural em si não é um indicativo único, como pudemos observar no início deste ensaio. Esse tipo de trabalho é composto por muitos construtos que envolve personagens, cenários, enredos e toda uma ambientação. Em alguns momentos, a literatura de fantasia pode também se coadunar com outros gêneros em uma espécie de gênero híbrido, como é o caso muito comum de sua aglutinação com a ficção científica, na qual temos predicados da fantasia ao lado de muitos objetos de ficção científica em verdadeiras narrativas espetaculares. É muito difícil apontar apenas um motivo para se ler a literatura de fantasia e sua importância uma vez que ela não deixa de ser uma produção artística e está dentro da mesma estética de tantos outros trabalhos literários. O texto em si traz consigo todos os elementos comunicativos e toda a dinâmica de um trabalho linguístico, com a possibilidade de ser explorado em inúmeros espaços socioeducativos.

No entanto, o nosso grande dilema foi *por que ler a literatura de fantasia*. Diante dele, oferecemos três respostas que aparentemente são isoladas, mas que na verdade se sobrepõem. Em primeiro lugar, a literatura de fantasia ajuda a desenvolver a imaginação, sendo capaz de instigar e estimular a nossa criatividade e despertar em nós o nosso potencial criativo. Nesse caso, ela funciona como um motor externo que nos impulsiona e contribui para despertar a nossa inventividade. Em segundo lugar, a literatura de fantasia permite a compreensão de questões humanas universais, não sendo isenta de nos apresentar a condição humana em toda a sua plenitude. Essas obras são capazes de nos oferecer uma percepção sobre nós, o outro e o mundo através de sua composição tão prolífica de metáforas e outros recursos estilísticos. Por último, a literatura de fantasia estimula o pensamento crítico e a reflexão uma vez que discussões filosóficas tanto das mais singelas quanto as mais densas estão dispersas nesses textos, seja em algum personagem mais evocativo ou até mesmo a temática de toda a obra e a forma como a narrativa foi composta, uma obra clara nesse sentido é *O Senhor dos Anéis*, do Tolkien.

A literatura de fantasia não é, portanto, uma obra menor dentro da produção artística. Ela pode ser tão folhetinesca quanto qualquer outro livro dentro do tão alardeado realismo. De maneira homóloga, temos exemplos de obras de fantasia com uma sofisticação ainda maior que uma obra realista, que supostamente tem muito a nos ensinar e instruir para a nossa vida cotidiana. Toda essa carga de preconceito tem sido gradativamente revista por alguns profissionais que trabalham com a literatura, que sempre usam obras para seu processo socioeducativo, e em larga escala ignoravam

obras de fantasia como *O Hobbit*, *Percy Jackson e o ladrão de raios* e *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Agora, cada vez mais estão se dando conta de que a literatura de fantasia pode ser apreciada e cultivada entre crianças, jovens e adultos. Essas obras podem nos ensinar a discutir temas sérios, além de transmitir valores éticos e morais. O que nos resta, agora, é uma imersão ainda mais profunda nesses textos, saindo do reducionismo de obras em apenas um gênero que se consolidou ao longo das eras. Deixemos o preconceito e a visão reacionária para as academias e demais instituições que não conseguem progredir nas ideias por sua cultura medíocre e patológica.

REFERÊNCIAS

BRADEBURY, R. **Zen na arte da escrita**. Tradução de Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética III**. Tradução de Marcos Aurélio Werle; revisão de Márcio Seligmann Silva; consultoria Victor Knoll e Olivier Toller – 2.ed.rev. 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014 – (clássicos; 14).

REID, R. A. **Arthur C. Clarke: A Critical Companion**. Westport: Greenwood Press, 1997.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Silvia Delpy. São Paulo: Perspectiva, 1981.

